



## **Jornal do Ônibus: 20 anos de história, ensino de jornalismo e compromisso com os usuários do transporte coletivo urbano de Ribeirão Preto<sup>1</sup>**

**Elivanete Zuppolini Barbi – Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp)<sup>2</sup>**

**Daniel do Carmo – Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp)<sup>3</sup>**

### **Resumo**

Em 1987, quando circulou a primeira edição do *Jornal do Ônibus*, o curso de Jornalismo da Unaerp (Universidade de Ribeirão Preto) estava implantando um jornal-laboratório com dois objetivos principais: produzir um jornal impresso para uma faixa de público que tem acesso limitado à imprensa escrita e oferecer aos alunos um espaço pedagógico para uma prática jornalística comprometida com o cotidiano, expectativas e necessidades do leitor alvo. Vinculadas diretamente ao público, as pautas e distribuição do *JO* são feitas através do contato direto entre os estudantes e os leitores, nos principais pontos centrais de ônibus da cidade. Hoje, o jornal é conhecido, lido e repercute junto à população que utiliza o transporte urbano e aos órgãos públicos, entidades e demais setores da sociedade civil que são fontes e personagens das matérias.

### **Palavras-chave**

Jornalismo Impresso; Jornal-Laboratório; Ensino de Jornalismo; História do Jornalismo

### **1. Jornal-laboratório e tendências do ensino de Jornalismo**

O *Jornal do Ônibus* é o jornal-laboratório do curso de Jornalismo da Unaerp (Universidade de Ribeirão Preto), criado em 1987, completando, portanto, neste ano, 20 anos de circulação. Dirigido aos usuários do transporte coletivo de Ribeirão Preto, o jornal circula durante todo o ano letivo, distribuído aos leitores nos principais pontos de ônibus da região central da cidade, pelos próprios estudantes que produzem o impresso.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no II Altercom – Jornada de Inovações Midiáticas e Alternativas Experimentais, realizado no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 2007

<sup>2</sup> Mestre em História Política Contemporânea (UNESP); Especialista em Ensino de Jornalismo (ECA/USP); Especialista em Especialista em Didática do Ensino Superior (Unaerp); Graduada em Comunicação Social/Jornalismo (Unaerp); Docente do curso de Comunicação e editora-chefe da Divisão de Marketing e Comunicação da Unaerp. E-mail: [ebarbi@unaerp.br](mailto:ebarbi@unaerp.br); [ezbarbi@yahoo.com.br](mailto:ezbarbi@yahoo.com.br)

<sup>3</sup> Especialista em Teoria da Comunicação (Fundação Casper Líbero); Graduado em Comunicação Social/Jornalismo (UFRN); Docente e Editor-executivo da revista científica *inRevista*, do curso de Comunicação Social da Unaerp. E-mail: [dcarmo@unaerp.br](mailto:dcarmo@unaerp.br); [daniel.do.carmo@terra.com.br](mailto:daniel.do.carmo@terra.com.br)



Desde sua implantação, o *JO* tem dois objetivos principais que norteiam sua produção. O primeiro é o de viabilizar um espaço pedagógico para o ensino prático de um jornalismo comprometido com o leitor. O segundo é a prestação de serviços, produzindo informações para uma parcela da população que tem acesso limitado, devido ao baixo poder aquisitivo, à imprensa escrita.

Quando foi fundado, em 1987, o *Jornal do Ônibus* veio suprir a necessidade de se definir um jornal-laboratório no curso de Jornalismo da Unaerp que, desde sua fundação, em 1971, ainda continuava em experiências para implantação de um projeto laboratorial que viabilizasse eficazmente a prática de jornalismo impresso.

Alguns projetos de jornal-laboratório já haviam sido implementados no curso. A primeira, e mais importante entre elas, foi o jornal *Voz dos Bairros*, direcionado a um conjunto habitacional composto por diversos bairros, conhecido em Ribeirão Preto como Complexo Aeroporto, que abrigava perto de 30 mil moradores. O *Voz dos Bairros* era produzido nos próprios bairros Quintino Facci I, Quintino Facci II, Adelino Simioni e Avelino Palma, a partir de reuniões com moradores e suas associações.

Inspirado nas teorias da Escola Latino-Americana de Comunicação, o projeto *Voz dos Bairros* surgiu como parte das tentativas de organização popular nas periferias das grandes e médias cidades, que buscavam formas de comunicação próprias de seu meio, caracterizadas por Luiz Beltrão como parte da folkcomunicação, uma comunicação dos excluídos dos sistemas de comunicação social convencionais (BELTRÃO, 1980).

A Escola Latino-Americana, por sua vez, apoiava-se na Educação Popular de Paulo Freire, na teoria da dependência de Fernando Henrique Cardoso, na crítica à hegemonia cultural imperialista do belga Armand Mattelart (que viveu no Chile de 1963 a 1973, envolvido diretamente na política de comunicação de Salvador Allende de 70 a 73) e, sobretudo, nas teses do venezuelano Antonio Pasquali e do argentino Eliseo Verón. Todos esses pensadores, alternando vozes em diferentes pontos da América Latina, reuniram o que o boliviano Luis Ramiro Beltrán chamou de “comunicologia da Libertação” e geraram estudiosos como Jesús Martín-Barbero, espanhol que havia adotado a Colômbia como terra natal em 1963.

Todo esse pensamento latino-americano, no final dos anos 70 e início de 80, influenciou escolas brasileiras de Comunicação Social – principalmente na habilitação em Jornalismo –, que tentavam aplicá-lo em seus projetos pedagógicos, estimulando o debate crítico e a busca de alternativas e novos conceitos de notícia que fizessem face às demandas por justiça social, democratização política e organização popular.



Naquele contexto, o jornal *Voz dos Bairros* integrava um projeto mais amplo que incluía a *Rádio Voz dos Bairros* e decorria de uma linha pedagógica amplamente discutida por docentes e estudantes de Jornalismo do curso de Comunicação Social da Unaerp. Havia, no entanto, dificuldades teórico-práticas na aplicação de uma pedagogia que exigia domínio do método de pesquisa-ação e profunda capacidade crítico-reflexiva. Como interpretava o professor José Marques de Melo, já em 1979, “uma imprensa só pode ser considerada comunitária quando se estrutura e funciona como meio de comunicação autêntico de uma comunidade. Isto significa dizer: produzida pela e para a comunidade” (MARQUES DE MELO, 1979).

O *Voz dos Bairros*, ao contrário, tinha limitações como a distância entre o campus e o Complexo Aeroporto, falta de recursos materiais para implantar um centro de ação no próprio bairro, indisponibilidade de tempo dos integrantes do projeto para atuação integral junto à comunidade. Mas, principalmente, um jornal-laboratório comunitário pressupunha o compartilhamento integral com os pressupostos da Escola Latino-Americana de Comunicação.

“O comunicador latino-americano desta escola não nega a existência da sociedade que o rodeia, cheia de problemas, tragédias, injustiças e misérias. É dentro desse conceito que funciona a comunicação e, portanto, a ciência. É uma visão científica alternativa que não aceita um critério tradicional como verdade absoluta, ou seja, não compactua com a tese que os jornalistas devem ser imparciais e os cientistas objetivos.” (BELTRÁN e GOBBI, 2001).

Nessas condições, o desenvolvimento de um projeto de comunicação comunitária revelou-se inviável, sobretudo a partir de 1984 quando o jornal *Folha de S. Paulo* lançou o Projeto Folha com a proposta de um jornalismo pluralista, partidário, moderno, pautando-se por uma política de competição comercial, modernização tecnológica e valorização profissional. (LINS DA SILVA, 2005).

Em que pese prós e contras, toda uma geração de jovens aspirantes ao jornalismo chegou às faculdades de Comunicação influenciada pelo Projeto Folha que se transformara no jornal de maior circulação nacional. Simultaneamente, o mundo globalizado e neoliberal atravessava o oceano da Inglaterra para as Américas e empurrava o jornalismo a encontrar forças no mercado. A onda dessa nova discussão chegou ao curso de Jornalismo da Unaerp pondo fim ao Projeto Voz dos Bairros e suscitando debates em vista a um novo jornal-laboratório.



Primeiro, nesse período, que foi do segundo semestre de 1984 ao segundo semestre de 1986, foi criado o *Porandubas*, um tablóide com nome de inspiração Tupi, mas sem definição editorial, vocacionado às artes, resenhas literárias, publicação de poemas e incipientes critérios jornalísticos. Capitaneado por um corpo docente democrático que abria infindáveis espaços para discussão de novos projetos laboratoriais, o jornal-laboratório fez água rapidamente e já em 1985, a então turma do 4º ano de Jornalismo propôs um novo impresso.

Nasceu então o *Página Um*, laboratório claramente inspirado na *Folha de S. Paulo*, que se propunha crítico, vanguardista, polemizador e espaço aberto a discussão de novas tendências. O jornal-laboratório circulava semanalmente, com uma única página, *standard*, frente e verso e era dirigido a estudantes universitários da própria Unaerp e de outras instituições de ensino superior de Ribeirão Preto.

No entanto, apesar do empenho dos alunos daquela turma e das várias tentativas de definir uma linha editorial que fundamentasse pautas, reportagens e linguagem, o *Página Um* sofria oscilações próprias de um projeto editorial incipiente, sujeito às variáveis subjetivas da equipe que o produzia. Desta forma, não atendia ao princípio básico de um jornal-laboratório, qual seja o de espaço pedagógico para o exercício prático e crítico do jornalismo impresso, além de não conseguir, também, atender a possíveis demandas do público-alvo enquanto projeto de extensão como se propunha.

Novamente, um ano e meio depois, o curso de Jornalismo da Unaerp estava às voltas com discussões acerca do jornal-laboratório, em busca de viabilizar um projeto no qual o ensino de práticas jornalísticas se desse em um jornal editorialmente coeso e apto a suscitar a necessária reflexão crítica acerca de conceitos de notícia, exercício jornalístico, ética e compromisso com o leitor, técnicas de reportagem, linguagens e novas tecnologias. Discussões fundamentais, sobretudo em uma cidade na qual jornalismo impresso não tem tradição e não tinha nenhuma repercussão naquela segunda metade dos anos 80.

O curso de Jornalismo da Unaerp, já tradicional – então com 15 anos de existência e único na região, num raio de pelo menos 150 quilômetros –, tinha a obrigação de criar um laboratório que cumprisse as funções de viabilizar a formação prática de profissionais, desenvolver a crítica acerca dos meios e da produção jornalísticos e funcionar como espaço de renovação dos processos jornalísticos. Lopes (1989) afirma não haver dúvidas sobre a “imprescindibilidade do jornal-laboratório”.



Não basta, no entanto, publicar um jornal apenas para satisfazer a vaidade pessoal do aluno ou cumprir uma tarefa determinada pelo professor. É fundamental que o jornal-laboratório seja dirigido a uma determinada comunidade para ter um público definido e ser um veículo com todas as características de um jornal profissional. Uma publicação que leve a comunidade tomar consciência de seus problemas e a organizar-se para resolvê-los. Dessa forma, o estudante de Jornalismo poderá ser realmente habilitado para o mercado de trabalho. (LOPES, 1989. p. 16)

Além do compromisso com o ensino qualificado de jornalismo, o curso, assim como todos os demais no País, também devia cumprir exigências curriculares rígidas determinadas pela Resolução 002/84, do Ministério da Educação. Entre as determinações da Resolução estava a viabilização de laboratórios de prática jornalística que permitissem a reprodução, dentro do ambiente acadêmico, de condições similares às redações profissionais, onde os estudantes pudessem exercitar todas as etapas do processo de produção da notícia – da captação à apresentação gráfica –, orientados por um projeto editorial definido.

No caso da Unaerp, ainda sob forte influência dos ecos do projeto *Voz dos Bairros*, o corpo docente tinha como objetivo paralelo – mas, não menos importante – a implantação de jornal vinculado à comunidade, que prestasse serviço à população e estimulasse a revalorização do jornalismo impresso na cidade.

Havia já no estado de São Paulo algumas experiências laboratoriais consolidadas que serviram de inspiração. O *Rudge Ramos*, do curso de Jornalismo do então Instituto Metodista de São Bernardo do Campo (hoje Universidade Metodista de São Paulo), criado em 1980, era um bem elaborado jornal-laboratório, capaz de conciliar a oportunidade de um campo prático de jornalismo e a extensão à comunidade. Atuando como um jornal de bairro, dirigido a um público muito bem definido – os moradores do bairro Rudge Ramos, onde está instalada a Universidade Metodista de São Paulo –, o jornal tinha a adicional qualidade de ser produzido em uma instituição universitária que era referência no ensino de Jornalismo, ao lado da ECA/USP, para as poucas faculdades do interior do estado.

Na Unaerp, o *Rudge Ramos* foi tomado como um parâmetro para as discussões iniciais sobre a criação do novo jornal-laboratório do curso de Unaerp. O objetivo era implantar um laboratório que também contribuísse com a comunidade ribeirão-pretana. Nasceu então o *Jornal do Ônibus*, com a pretensão de criar um meio de comunicação impressa destinado à população de média e baixa renda da cidade.



## 2. A história do Jornal do Ônibus

O *Jornal do Ônibus* circulou sua primeira edição em agosto de 1987, produzido pelos alunos matriculados no último ano do curso de Jornalismo da Unaerp. Concebido como o jornal-laboratório do curso, era elaborado no espaço pedagógico das disciplinas Redação Jornalística e Edição em Jornalismo Impresso, que permanecem no projeto pedagógico atual. Atualmente, além dessas disciplinas responsáveis pela orientação editorial de pauta, reportagem, redação e fechamento, o jornal também é produzido na disciplina Planejamento Gráfico – para diagramação, editoração e fechamento gráfico – e conta com o suporte da disciplina Fotojornalismo – para discussão de pauta fotográfica e edição de fotografia.

O projeto levou oito meses – do segundo semestre de 1986 a agosto de 1987 – para discutir a linha editorial, condições e infra-estrutura operacional, pesquisa de opinião junto ao público, definição do projeto gráfico e organização do sistema de distribuição simultânea ao levantamento de pautas. Todo esse processo foi feito em conjunto por alunos e docentes, sendo que da equipe inicial de professores, dois permanecem até a presente data atuando no jornal-laboratório<sup>4</sup>.

O objetivo pedagógico do *Jornal do Ônibus* era o de viabilizar um espaço para a prática de jornalismo impresso, no qual os estudantes tivessem a oportunidade de produzir pauta, reportagem, redação, fotojornalismo, planejamento e produção gráfica em condições similares às de redações profissionais. Para tanto, o aprendizado incluía a compreensão, reflexão e a prática de jornalismo impresso enquanto processo de um projeto editorial definido e comprometido com seu público-alvo.

Com esse objetivo, o jornal atenderia à função principal de um laboratório de jornalismo, permitindo o exercício prático.

O jornal-laboratório dá condições ao estudante de realizar treinamento na própria escola, possibilitando que coloque em execução, ainda que experimentalmente, os conhecimentos teóricos adquiridos nas disciplinas técnico-profissionalizantes. Integra os alunos na problemática da futura profissão, tornando possível que obtenham uma visão global do processo jornalístico, não apenas no aspecto conceitual, mas também na prática do dia-a-dia das redações. (LOPES, 1989, p.49).

---

<sup>4</sup> A equipe docente na área de jornalismo impresso que elaborou o projeto Jornal do Ônibus em 1986/1987 era composta pelos professores Adriana Canova Simionato, Elivanete Zuppolini Barbi, Luiz Carlos Messias da Silva, José Mário de Sousa. Permanecem no quadro docente até os dias atuais, a professora Elivanete Z. Barbi e o professor Luiz Carlos Messias da Silva.



No entanto, deve também fazer parte do objetivo pedagógico do jornal-laboratório o desenvolvimento de reflexão crítica acerca dos padrões vigentes e da realidade social na qual está inserido o futuro profissional. Não se concebe, desde os anos 60, o ensino prático de jornalismo enquanto um exercício eminentemente tecnicista. Embora ainda hoje as faculdades tenham dificuldade em superar a tão exaustivamente discutida dicotomia entre teoria e prática, já nos anos de 1960 e 1970, todos os teóricos e pesquisadores de ciências e ensino de comunicação no Brasil, concordavam que as finalidades da formação universitária na área são o estudo do fenômeno social da informação; o desenvolvimento da capacidade de pesquisa, análise e inovação acerca da prática e das técnicas jornalísticas; e a formação profissional e ética do futuro jornalista. Luiz Beltrão, em 1963, assim definiu os objetivos das faculdades de jornalismo:

Formar profissionais ministrando-lhes conhecimentos de coleta, redação, interpretação, seleção e apresentação gráfica da notícia, com a utilização de métodos e processos racionais e práticos e, simultaneamente, das ciências e das artes, que lhes elevam o nível cultural; promover e desenvolver investigações e análises sobre os meios de comunicação coletiva, embasadas nos modernos métodos de investigação e com o emprego do instrumento adequado, controlando não apenas a melhoria dos padrões técnicos da imprensa de sua região ou país, como também sua maior influência na formação da opinião pública; funcionar como um núcleo de renovação dos processos jornalísticos servindo de laboratório para experiências morfológicas e de conteúdo das matérias, ações e serviços que a comunidade espera encontrar nesses meios (BELTRÃO, 1963).

No caso do curso de Jornalismo da Unaerp, essa preocupação com ações de extensão à comunidade, a reflexão crítica acerca do fazer jornalístico e o propósito de influenciar o padrão técnico e o conceito jornalístico prático na cidade de Ribeirão Preto, sempre estiveram presentes na elaboração de projetos pedagógicos e estratégias de ensino. Como já relatado, um projeto comunitário, o *Voz dos Bairros*, havia sido o precursor das experiências laboratoriais no curso.

Assim, buscou-se durante o processo de concepção do *Jornal do Ônibus*, um projeto laboratorial que somasse ao objetivo pedagógico o relacionamento direto com a comunidade externa, inserindo o jornal no contexto da cidade e aliando a prestação de serviços à população.

Ribeirão vivia nos anos 80 algumas transformações decorrentes do forte desenvolvimento econômico que a tornariam conhecida nacionalmente como “Califórnia Brasileira”. Esse processo gerava demandas por reestruturações na infraestrutura urbana, entre outros recursos e políticas públicas.



Por outro lado, a inexpressividade do jornalismo impresso produzido na segunda metade dos anos 80 deixava uma lacuna na comunicação de massa praticada na cidade que, historicamente, tinha no rádio seu meio de comunicação mais popular, além de ser a televisão, com a chegada da EPTV Ribeirão (Emissoras Pioneiras de Televisão), em 1980, o meio de mais forte impacto e repercussão. Assim, a implantação do jornal-laboratório pautava-se também pela avaliação de demandas da população, sempre buscando aproximar-se da realidade social local.

Uma das principais reivindicações populares à época dizia respeito ao transporte coletivo urbano que não acompanhava, no mesmo passo, o crescimento econômico, a geração de empregos e instalação de conjuntos habitacionais em áreas extremamente periféricas da cidade, distantes dos locais de trabalho e de estudo da população de baixa renda. O assunto freqüentava a pauta do noticiário televisivo da emissora EPTV Ribeirão e dos radiojornais de maiores índices de audiência com alguma regularidade, mas não era aprofundado o suficiente devido às características próprias de linguagem dos meios de comunicação audiovisuais.

Além disso, o usuário de transporte coletivo urbano, em maioria pertencente às camadas de baixo poder aquisitivo, não tinha acesso regular à imprensa escrita, limitando-se, portanto, à informação advinda do rádio e da televisão. Esses fatores geravam a possibilidade de se produzir um jornal dirigido ao usuário de ônibus urbano, no qual era possível conciliar a prática de pauta e reportagem com fontes do cotidiano da cidade, a redação e edição de matérias sobre temas que afetavam a vida da população de baixa renda, agregando a extensão do conhecimento universitário à população ribeirão-pretana.

Dessa forma, o *Jornal do Ônibus* foi definido como jornal-laboratório do curso de Jornalismo, iniciando-se sua circulação em agosto de 2007. Inicialmente, o jornal, em formato tablóide, com quatro páginas circulava semanalmente. Com essa periodicidade e integralmente produzido pelos alunos, com orientação editorial dos professores, o *JO* viabilizava a dinâmica o mais próximo possível de uma redação profissional, com realização de reunião de pauta às segundas-feiras, fechamento na quarta-feira, diagramação na quinta e distribuição na sexta-feira, no terminal de transporte coletivo urbano, na Praça Carlos Gomes.

Na distribuição feita pelos próprios alunos que produziam o jornal, levantavam-se sugestões de pauta para a próxima edição. O projeto definia cinco editoriais: Política, Economia, Geral, Cultura e Esporte/Lazer e a linha editorial propunha abordar temas



que afetassem a vida cotidiana dos usuários de transporte coletivo urbano, indo além da agenda da mídia convencional e buscando abordagens que não se restringissem à versão oficial ou predominante acerca dos fatos.

Com essa proposta, temas de âmbito nacional, ou até mesmo internacional, deveriam ser enfocados como reportagens de serviço, destinadas a esclarecer o impacto e a influência daqueles fatos na vida cotidiana do cidadão ribeirão-pretano. Matérias de serviço, orientação e esclarecimento levavam para o dia-a-dia dos usuários assuntos de alcance municipal, estadual e nacional.

Por outro lado, situações, realizações, necessidades, problemas, vivências do cotidiano da população usuária de ônibus urbano tornavam-se pauta, gerando matérias raramente produzidas pela mídia convencional. O objetivo editorial era ressaltar a história cotidiana e a construção histórica pelos anônimos, aquele cidadão que se levanta de manhã na periferia, toma seu ônibus, vai ao trabalho, produz, retorna de ônibus para sua casa e nesse dia-a-dia, aparentemente rotineiro, gera riquezas, educa filhos, constrói histórias, dá vida a uma cidade.

Idealizando uma imprensa capaz de relatar e ressaltar os personagens menos visíveis da construção histórica e cultural de uma localidade, o *Jornal do Ônibus* propunha-se a relatar fatos ou abordar ângulos a partir de uma dimensão diretamente relacionada à vida do cidadão comum, conferindo visibilidade e expressividade, dando voz a esse cidadão.

Nessa proposta editorial, a agenda seria definida pelo usuário de transporte coletivo, o ribeirão-pretano de baixa e média renda, morador de bairros mais periféricos, trabalhador residente longe do posto de trabalho, com família que desloca ao centro da cidade para compras, eventualmente escola dos filhos, vez ou outra um programa de cultura e lazer.

Porém, era necessário reunir, lado a lado com essa proposta editorial, o aprendizado prático dos estudantes de Jornalismo da Unaerp, na tentativa de viabilizar seu futuro ingresso no mercado de trabalho. E o mercado, naqueles idos de 1987, já estava sendo assolado por um jornalismo mercadológico, no qual, como diz Alberto Dines:

Outra disfunção que se generalizou na imprensa brasileira é a preponderância do departamento de marketing sobre o resto da empresa jornalística, até sobre aqueles que concebem e compõem o jornal... O marketing é meio, não é fim. Quando ocorre o inverso e ele se torna hegemônico, impondo suas concepções, valores e estratégias, estamos diante de inequívoca subversão. (DINES, 1996)

A pretensão que norteava o *JO*, portanto, era reunir em um jornal-laboratório impresso o ensino prático de jornalismo, já dentro dos preceitos desse jornalismo mercadológico, com o exercício de um jornalismo de interesse público capaz de dar voz ao cidadão comum a ponto deste definir a pauta do jornal.

Ao longo desses 20 anos, o *Jornal do Ônibus* continua buscando realizar essa proposta editorial, mas a estrutura de produção informatizada, a periodicidade alongada, os novos formatos gráficos e o interesse predominante em conferir modernidade e atualidade ao jornal, o tornam hoje um produto radicalmente diferente do original.

De tablóide semanal com quatro páginas, o *JO* passou a mensal com oito páginas em 1991. Depois, em 95, começou a ser produzido em uma redação informatizada, o que possibilitou novo sistema de operacionalização, com maior agilidade, novos recursos gráficos e possibilidade de pautas um pouco mais “quentes” (PRETEL, ROCHA e SANTOS, 2007).

A mudança seguinte, em 2000, foi no formato, de tablóide para *standart*, com o objetivo de uma linguagem visual jornalística clássica, que conferisse a credibilidade um tanto negada aos tablóides que tendem a ser vistos como “jornalzinho” pelo público leitor. Além do que, o formato permitia maior experiência e recursos de diagramação, melhor exploração e exposição do material de fotojornalismo, tornando o *JO* visualmente mais atraente.

Com o *standart* também se deu a introdução da cor. O jornal passou a ter capa e contracapa coloridas, 12 páginas e implantou uma editoria específica de Transporte Coletivo cujas pautas, anteriormente, entravam ora na editoria na Política, ora na Economia ou na de Geral.

Simultaneamente a todas essas mudanças gráficas e tecnológicas, o *Jornal do Ônibus* também foi sofrendo transformações em sua proposta editorial, ainda que não radicais ou oficialmente discutidas e implementadas. Um jornal-laboratório é um produto jornalístico, recebe os impactos, pressões e influências do cenário onde está inserido e do perfil dos jornalistas que os produz – sejam estudantes, sejam docentes – refletindo as transformações sociais da comunidade à qual se destina. Dessa forma, o *JO*, editorialmente falando, acompanhou as mudanças ocorridas em Ribeirão Preto, sobretudo a consolidação da cidade como capital do *agrobusiness* sucro-alcooleiro, as conseqüências da renda per capita alta, porém concentrada, a desqualificação ainda



maior da imprensa escrita e sua gradativa substituição por uma imprensa centrada nos personagens públicos de ampla projeção política e econômica.

Transformada em Califórnia Brasileira, dissecada pelo processo de exclusão social que impera no mundo neoliberal globalizado dos anos 90 e enfraquecida pelo domínio da aparência sobre a essência, Ribeirão desconfigurou-se entre a presunção cosmopolita e o conservadorismo provinciano.

Nessa Ribeirão, o curso de Jornalismo e seu jornal-laboratório foram tentando conciliar uma linha editorial centrada no homem do povo com uma exigência desse próprio público por um produto jornalístico com características gráfico-visuais atualizadas, contendo mais imagens, cores, boxes, infográficos. No aspecto do conteúdo verbal, as pautas continuaram levantando assuntos de interesse direto do público, com alguma prioridade para temas relativos ao transporte coletivo urbano. Mas, a apuração se direcionou com maior ênfase para as fontes oficiais, buscando mostrar os dois lados da história. De um, a população com suas reclamações e demandas; de outro, as fontes oficiais esclarecendo as dificuldades e problemas.

Desta forma, pode-se afirmar que, se o *JO* perdeu a ingenuidade própria dos jornais-laboratórios de cunho comunitário, editorialmente não se desviou dos seus dois compromissos fundamentais: viabilizar um espaço acadêmico para a prática e a crítica jornalística e o de exercer um jornalismo de interesse público, comprometido com a parcela da população que, devido à baixa renda, tem pouco acesso à imprensa escrita.

Na área gráfica, no entanto, as mudanças foram profundas, visando acompanhar o avanço tecnológico e as novas características de mercado.

### **3. O novo padrão gráfico do JO**

Nesses 20 anos de circulação do *Jornal do Ônibus* foram vários os projetos gráficos utilizados, com mudanças sempre pontuais, considerando as releituras do projeto editorial relacionando sempre sua produção com as tendências do mercado jornalístico ribeirão-pretano por meio de observação da sociedade e da mídia impressa local.

Com menor frequência, o *JO* passou por algumas mudanças em seu formato, discutidas amplamente por alunos e professores envolvidos na sua produção. Formatos padronizados como o tablete, tablóide, *standart* e o *berliner*, apresentados inicialmente na disciplina de Planejamento Gráfico, antes de serem implantados no projeto gráfico do jornal tiveram como pré-requisito a verificação das condições técnicas do mercado gráfico local, seguidos de uma adequação ao projeto editorial, considerando público-



alvo e espaço de circulação. “*Como o próprio nome diz (jornal-laboratório), deve servir como elemento experimental, seja em termos de linguagem, conteúdo editorial ou mesmo aspecto gráfico.*” (LOPES, 1989, p. 51)

A definição do atual projeto gráfico passou por várias discussões iniciadas pela definição do formato. Atualmente o JO é impresso no formato *berliner* (28,9 x 43 cm) que é intermediário entre o tablóide e o *standard*. Para o ribeirão-pretano esse formato não era de todo desconhecido, uma vez que a *Gazeta de Ribeirão* já o adotava desde seu lançamento em Ribeirão Preto.

Mesmo sendo uma tendência mundial no mercado jornalístico – só para citar alguns jornais que o utilizam, destacamos o *The Times*, em Londres, *The Guardian*, no Reino Unido, *Le Monde*, na França, *La Vanguardia*, na Espanha e o *La Repubblica*, na Itália, na Europa, e o *Jornal do Brasil*, que tem a circulação em todo território nacional, ou mesmo a *Gazeta de Ribeirão*, *Tribuna Imprensa*, e a *Folha de Jardinópolis*, na região central do estado de São Paulo – foi necessário um semestre de observação, experiências com produções de páginas antes impressas no formato *standard* e entendimento sobre o ato de leitura nos ônibus, para que houvesse a migração para o *berliner*.

Uma segunda discussão passou pela apresentação visual do JO, com uma orientação para a produção de páginas mais limpas, objetivas e padronizadas, que permitisse uma maior velocidade na diagramação das edições, exatamente como ocorre no meio profissional quando o jornal impresso é submetido a uma linha de produção supervisionada pela ditadura do *deadline*.

Sendo assim, a etapa seguinte foi em relação à questão espacial, o domínio do novo formato para a elaboração da identidade visual do “novo” jornal-laboratório. Partiu-se então, da definição básica de diagramação como um elemento facilitador da leitura e compreensão do texto para orientar essa construção.

No campo dos elementos ligados ao sistema de operação visual, a diagramação de um espaço vazio implica, necessariamente, numa pesquisa aprofundada sobre as qualidades funcionais do espaço. Este tipo de comunicação prende-se na necessidade de organizar um discurso gráfico, da forma mais eficiente possível, a mensagem a ser transmitida nos seus pontos-chaves que devem ser observados para que esta comunicação não perca em seu proceder nenhuma partícula de sua carga informativa. Pelo contrário, uma correta operação visual de ordem gráfica deverá proceder de maneira que a legibilidade do texto não somente seja desenvolvida ao máximo e

frisada pela diagramação, mas que a legibilidade seja levada em consideração. (BARRACCO e SANTOS, 1976, p. 99).

A organização dos elementos gráficos que compõem as páginas do JO não teria funcionalidade caso não fosse respeitado o outro princípio da diagramação moderna que é a entrada de luz como forma de repouso visual que permitiram a finalização de páginas mais leves e uma maior valorização do conteúdo. Administração de espaços brancos, aumento da entrelinha, aplicação de olho nas matérias e um aumento na utilização de fotos e imagens. O conceito principal utilizado aqui é de que o elemento visual complementa o conteúdo.

Ao mesmo tempo em que o otimismo e decepção alimentam a arte, o design gráfico comercial e cotidiano experimenta novas práticas. Menos preocupado politicamente, mas muito influenciado esteticamente, o design gráfico do começo do século tem seus primeiros impulsos de padronização e redução drástica no uso de ornamentos e elementos considerados inúteis. (KOPP, 2004, p. 53).

O novo projeto gráfico do *Jornal do Ônibus* tem como característica principal ser todo “engessado”, orientado para que o aluno perceba a interligação entre as várias etapas do processo produtivo jornalístico. Um bom exemplo disso é em relação ao título das matérias de abertura de página. Compostos em uma única linha, na fonte helvética corpo 40, negrito, o repórter tem que criar um título de no máximo 41 toques. Isso significa dizer que esse exercício propicia uma discussão com o editor da matéria e conseqüentemente contribui para o aumento do repertório individual de cada um. Essa atividade é realizada após a diagramação, na aula de Edição em Jornalismo Impresso, antes do fechamento e envio para gráfica.

Foi também incorporado ao jornal-laboratório espaços de propaganda para trazer mais realismo às aulas de diagramação. As campanhas veiculadas nesses espaços são de cunho institucional temático, abordando temas como o antitabagismo, preservação ambiental, entre outros. As peças são produzidas pela RG Propaganda, agência experimental do curso de Publicidade e Propaganda da Unaerp, permitindo assim, o intercâmbio entre os dois cursos de Comunicação Social.

Como já foram contempladas em outros projetos gráficos do JO, capa e contracapa seguem coloridas nesse novo formato como forma de destaque da publicação aos estímulos visuais que o leitor recebe ao circular pelas ruas da cidade dentro do transporte coletivo.



O *Jornal do Ônibus* tem hoje o seguinte projeto gráfico básico: 16 Páginas (capa e contracapa coloridas e miolo PB); formato *berliner*; cinco colunas de texto (podendo ter uma variação de seis colunas); corpo de texto na fonte *Basset* corpo 11, normal, entrelinha 13,2; títulos, textos de abre, créditos e legendas em *Helvética*; vinheta vazada em caixa 100% preta na fonte *Verdana*.

A diagramação, editoração eletrônica, assim como o material fotográfico e as reportagens são integralmente produzidos pelos alunos, sob orientação dos professores responsáveis pelas disciplinas nas quais o jornal integra o conteúdo programático.

Formar jornalistas, sem que lhes desperte o interesse pela análise crítica dos padrões vigentes na sociedade e sem que lhes ofereça oportunidade de testar tais modelos em laboratórios e de criar alternativas inovadoras, é motivo de frustração generalizada desde a década de 50. (MARQUES DE MELO, 1984)

Nesses 20 anos, o *Jornal do Ônibus* cumpre sua trajetória de espaço pedagógico de jornalismo impresso e mantém estreito vínculo com seu público, os usuários de transporte coletivo urbano de Ribeirão Preto. Na distribuição do jornal, feita pelos alunos, nos principais pontos de ônibus do centro da cidade, os leitores reconhecem o jornal, solicitam recebê-lo e continuam sugerindo temas para pautas relacionadas ao seu cotidiano, seus problemas na cidade, suas vivências, dramas e realizações. Nesse contato com o leitor, os alunos apreendem a função de um jornalismo de interesse público, exercitam a crítica e realimentam o jornal-laboratório para que este continue seu percurso no ensino de jornalismo na Unaerp.

### **Referências Bibliográficas**

BARRACCO, Helda Bullotta e SANTOS, Yolanda Lhullier dos. **O espaço nos meios de comunicação**. São Paulo: EBRAESP, 1976.

BELTRÁN, Luis Ramiro e GOBBI, Maria Cristina. **Pioneirismo na Escola Latino-Americana de Comunicação**. In: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, Volume XXIV, nº.1. São Paulo, Intercom, janeiro de 2001.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação – Comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez Editora, 1980



BELTRÃO, Luiz. Métodos em la Enseñanza de la Técnica del Periodismo. Quito: CISESPAL, 1963. Op.cit. LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o leitor**. São Paulo: Summus, 1989.

DINES, Alberto. Tendências no Jornalismo Brasileiro. In: **Jornalismo Brasileiro: no caminho das transformações**. Brasília: Banco do Brasil, 1996.

KOPP, Rudinei. **Design gráfico cambiante**. 2ª Edição. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. **Mil Dias: Seis Mil Dias Depois**. São Paulo: Publifolha, 2005.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o leitor**. São Paulo: Summus, 1989.

MELO, José Marques de. **Imprensa Comunitária no Brasil**. Revista Comunicação & Sociedade, nº. 2. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

PRETEL, Gabriel C., ROCHA, Priscilla A., SANTOS, Amanda S. **A História do Jornal do Ônibus – 1987/2007**. Monografia de Conclusão de Curso de Jornalismo apresentada ao Curso de Comunicação Social da Universidade de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 2007)

TUFTE, Thomas. **Estudos de Mídia na América Latina**. Comunicação & Sociedade, nº 25. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 1996.